



CÂNTICOS
(Poemas de 1954)



CÂNTICO

EM LOUVOR DENOSSA SENHORA DO SOCORRO
DE TOMAR DA COTINGUIBA



Nossa Senhora do Socorro
De Tomar da Cotinguiba,
Minha terra, minha aldeia,
Para contar tua história
Molho a pena na Memória
Nas tintas da lua-cheia!

Mas, apurando o meu verso
E buscando inspiração,
Teu louvor fica em minha alma,
Fechado no coração! ...

É que a gente quando entoia
Cantigas cheias de mágoa,
O pensamento flutua
Pelos olhos rasos da água.

*No coração da casa de José Freire da Costa Pinto,
cinzelador da minha alma, numa tarde de setembro de 1949*

CÂNTICO

EM LOUVOR DAS SERENATAS NO OUTÃO DA MATRIZ¹




A Matriz, na noite alta,
É porcelana chinesa,
Quando a lua, tão tranquila,
Derrama o sonho e tristeza
Sobre o silêncio da Vila! ...

Nessas horas, namorados
Em serenatas festivas,
Sob a paz do etéreo véu,
São convivas torturados,
São torturados convivas
Bebendo o vinho da noite
Que se derrama, estrelado,
Da taça imensa do céu! ...

Quem ama sempre aparece
Olhando pelas janelas,
– os olhos da solidão,
E o seresteiro, cantando
Vai sua mágoa, chorando,
– chorando no coração! ...

A Matriz na noite alta
É porcelana chinesa! ...
La vem Zé de Mariquinhas,
Miguel Barroso também! ...
Há cantorias magoadas,

¹ A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Socorro do Tomar da Cotinguiba, foi construída em meados do século XVII.



Queixumes de quem quer bem! ...
Mentira... A noite é calada! ...
Na noite não há ninguém! ...

Esse tempo harmonioso
De um outro tempo feliz,
Já passou, somente a lua,
Qual cigana vagabunda,
Toca um pandeiro de prata
Sobre a praça da Matriz! ...

EmPaz de Socorro – luar de agosto de 1938



CÂNTICO


EM LOUVOR DA RUA DO AMPARO
PARA ZÓDE, QUE PASTOREOU MINHA INFÂNCIA



Cem anos são esta rua
De placidez tão divina,
A rua de Tá Rufina
De carapinha de lua! ...
As velhas casas, tão velhas,
De limos verdes nas telhas,
Cochicham na solidão,
– portas, batentes, janelas,
Falando das horas belas
Dos tempos que lá se vão! ...

Os primeiros moradores
Desta rua já morreram! ...
Os netos também passaram,
Seus filhos também cresceram,
Mil passos atapetaram
Os passos que se perderam
No leito da pobre rua
De placidez tão divina,
A rua de Tá Rufina
De carapinha de lua!

Oh! Doce Rua do Amparo!
Bendita sejas assim,
Como a risonha saudade
Dos dias da mocidade
Cantando dentro de mim!
Benditas pelas rendeiras
Sentadas nestas calçadas,
Tocando nas almofadas
Baladas sentimentais,



Recordando, comovidas,
As vidas de tantas vidas,
De tempos que não vêm mais!

Bendita por essas sombras
Que são da tarde as alfombras
Nos caminhos centenários,
Por essas velhas serenas
Que se aliviam das penas,
Rezando nos seus rosários!

Bendita pelas lembranças
Que são das saudades as tranças
Nas memórias sempre gratas,
– divina Rua do Amparo
Cantando, no dia claro,
Modinhas das serenatas!

Que deste tempo moderno
Não sintas a confusão,
Que durmas o sono eterno
Da tua meditação.

Oh! Doce Rua do Amparo,
Bendita sejas assim,
Com a risonha saudade
Dos dias da mocidade
Cantando dentro de mim! ...

(Calçada da casa de Tá Rufina, na Rua do Amparo, numa tarde do ano de 1950)

CÂNTICO

EM LOUVOR DA VELHA IBURA²



A velha Ibura, sonhando
À luz dos astros da noite!
Do vento o funéreo açoite
Cochichando, cochichando,
Pelas janelas fechadas!

Pela negra escadaria
De degraus já carcomidos,
Há sombras, almas penadas,
Dos tempos da Companhia!


Onde os Padres pregadores?
Há um silêncio de morte
Ao longo dos corredores,
Quando foge a luz do dia!

Os Padres? ... Todos morreram!
Os dias se sucederam
Das horas na romaria!

Onde os índios, curibocas³,
As festas pelas malocas,
Os hosanas triunfais
Nas missas, missas festivas
Cheias de trons e de vivas
Em dias memoriais?
A velha Ibura hoje é morta.
Os homens não respeitaram

² Residência dos Jesuítas no Município de Socorro. (Cotinguiba) no Estado de Sergipe.

³ Mestiços



As augustas tradições
Dos que ali habitaram
E a Cruz de Cristo plantaram
No madrugal das MISSÕES!

Nada resta... Nada resta
Do sobrado sonolento,
Daquele imenso convento
Que foi CRUZ, ESCOLA E FESTA!
Somente pedras atestam
O lugar da Velha Ibura,
Outrora, imensa e sombria,
Cheia de lendas, histórias
Do Missal dessas memórias
Dos tempos da COMPANHIA!

CÂNTICO

EM LOUVOR DAS LAVANDEIRAS DA FONTE DA BICA



Pelas manhãs luminosas
Descem morenas ladeiras,
As lavandeiras morenas,
As morenas lavandeiras!

Umam vão muito ligeiras
Em buscas da fria fonte
Entregues ao desalinho,
Outras, se vão, calmamente,
Conversando alegremente
Com quem se vê no caminho!

Pela luz das madrugadas
Também se ouvem nas ruas,
Das lavandeiras da fonte
Sonoras gargalhadas!

Na cabeça o pote firme,
No caminhar apressado
Relembra, todos os dias,
Essas pobres criaturas,
As mulheres tão singelas
Das Sagradas Escrituras!

Lavandeiras! ... Lavandeiras
Que as nossas roupas levais
Ao calor das soalheiras
Pelas manhãs estivais,
Feliz eu fora, pudesse
Lavar as mágoas supremas
Da minha alma, nos poemas
Como essas roupas lavais!

Paz de N.S. do Socorro do Tomarde Cotinguiba, um dia no tempo

CÂNTICO

EM LOUVOR DOS “OLHOS D’ÁGUA”



Olhos d’água! ... Poço calmo
Onde a voz das correntezas
Pelas tardes dolorosas
Tem murmúrios de um salmo!

Nas águas, auroras líquidas
De transparências sem par,
Nas noites fosforescentes
O luar é um cisne branco
Com saudades do luar!

No fundo dos “Olhos d’água”
Há riquezas, pedrarias!
Quanta gana ali reluz!
São joias de Scherazade
Que, naquela soledade,
Sentem as carícias da luz!

São gemas, joias guardadas
Nos cofres das alvoradas,
Pelos artistas de Ormuz!

Olhos d’água! ... Poço calmo,
Nas tuas águas tão puras
Lavo sempre, oh Olhos d’água,
O lenço das amarguras
Do meu martírio sem fim,
Pensando um dia livrar-me
Deste poeta tristonho
Que vive dentro de mim!

Aqui terminam os poemas em louvor de Nossa Senhora do Socorro de Tomar da Cotinguiba, cantos que aquarelam pessoas, costumes e coisas da melancólica e sonhadora Vila sergipana, onde o Poeta viveu os dias da sua infância

CÂNTICO

EM LOUVOR DA VENERANDA IGREJA DE COMANDAROBA⁴




Na paz da terra, sob um céu profundo,
Comandaroba sonha e, quando, ao longe,
A Noite ergue a hóstia alvíssima do luar
A velha Igreja eleva as Torres tristes
Como dois braços mortos para o ar.

Outrora, em dias outros, mais felizes
Ali cantaram sinos triunfais.
Não tinha a Igreja essas cicatrizes
Pelos paredes,
Nem a cercavam as hostes agressivas
Dos verdes canaviais.

Tudo era festa... Transbordava o tempo
De donzelas gentis, vultos patriarcais,
E o Senhor da Agonia, que eu contemplo,
Tão só não estava em negra Cruz pregado,
Entre sombras espectrais.

Na paz da terra, sob um pálido d'astros
Comandaroba exulta
Neste milagre da recordação:
Alegres, outra vez, os sinos cantam,
Do chão sagrado mortos se levantam,
Das frias lousas que atapetam o chão!
Que homem é aquele, marcial, sereno,
De afdalgado e majestoso porte?
Que moça é aquela de perfil moreno,
Rezando um terço em divinal transporte?

⁴ Segunda residência dos Jesuítas, em Sergipe, no Município de Laranjeiras (1731-1734)



Quem são estoutros, pálidos, contritos,
Que se ajoelham pela terra fria?

São Senhores-de-Engenho que morreram.
São Brigadeiros, vultos veneráveis,
Responde a Igreja pela ventania!

São escravos também de mãos calosas
Na tortura dos “eitos” consumidos!
São negros velhos, sombras africanas
Da saudosa Cabinda aqui trazidos
No bojo das galeras lusitanas!

São índios fortes, másculos, valentes,
De cor-de-telha e porte varonil,
Os primeiros soldados combatentes
Na defesa das terras do Brasil!

São esses mortos de longínquas datas
Que, pela nave, quando o Tempo sonha,
Rezam no terço das lembranças gratas,
Lembrando tempos que não voltam mais,
Quando Comandaroba, ao sol aberta,
Não era assim tristíssima e deserta
Nem a cercavam as hostes agressivas
Dos verdes canaviais!

Fecho os olhos ao Sonho e à Fantasia.
Outra vez a Igreja me aparece
Deserta, escura, sepulcral, sombria
À luz loira do sol, à clara luz do luar!
Comandaroba a ruir, silenciosa e calma,
Assim como ficou no painel da minh'alma,
Pedindo olhos aos céus para poder chorar!

CÂNTICO

EM LOUVOR DOS ENGENHOS PARADOS




Os engenhos parados!
Os engenhos cansados
No tempo sem fim!
-os engenhos, coitados,
Sem cana nos prados,
Engenhos cercados
De mato e capim!

Áureos dias de outrora!
O labor nas cozinhas,
Os doces bem feitos,
Angus saborosos
– os olhos gulosos
Das amas de leite,
Das pobres negrinhas!

Cartinhas fechadas,
Namoros, mistérios,
Fuxicos de amor,
O medo das amas,
Das pobres mucamas
Falando ao Senhor!

Sinhozinho, homem feito,
Na rede deitado,
Em Direito formado,
Ostentando o anel,
Recordando o passado,
– as noites festivas,
Memórias tão vivas,
TOBIAS E CASTRO



No Santa Isabel!
Senzalas vazias,
Sem negros, sem gente!
Onde os carros cantando?
Moleques brincando?
Onde as tachas de mel?

Não mais alegrias!
Passaram-se os dias,
Engenhos parados
No tempo cruel!


Casa grande, fechada,
Já sem moradores!
Onde estão os Senhores
Gritando à negrada?

Onde está SINHAZINHA
De tão doces falas,
O anjo dos sonhos,
Dos negros tristonhos
Nas grandes senzalas?

Onde os dias de festa,
De mil resplendores?
Onde os brutos feitores
Nos “eitos” sem fim?
Onde os pobres escravos
Nos “troncos” da morte,
Naquele “AI DE MIM”?

O Tempo é moenda
Que a todos tritura!

A vida, – uma renda
Que a morte desfia



De noite e de dia,
Sem pena e sem dó!

Engenhos parados.
Grandezas, venturas?
Escravos, senhores?
– Punhados de pó!

CÂNTICO

EM LOUVOR DO MOLEQUE DE ENGENHO.PARA ZUMBA,
QUE ENVELHECEU NO ENGENHO E MORREU NA SENZALA




Moleque de engenho!
Menino vadio,
– bandeira de gente
Ao sol inclemente,
Correndo no estio!

Moleque – alegria,
De secas canelas,
Lavando cavalos,
Nadando no rio
Pulando cancelas!

Moleque travesso
Subindo ladeiras,
Brincando de “manja”
Sem tédio ou canseiras!

Moleque já velho,
Sem dentes, cansado!
Moleque parado,
Moleque-farrapo,
Moleque-acabado!

Moleque-tristeza
De noite e de dia,
Moleque-moleza,
Moleque-agonia!
E a morte chegando!
Moleque chorando
Na noite nagô! ...
Moleque penando,



Falando sozinho,
Lembrando o “sinhô”!

Destino ferrenho!
Moleque sonhando,
Tão só caducando,
Moleque de engenho!

CÂNTICO

EM LOUVOR DA CHAMINÉ QUE MORREU




A chaminé do engenho
Era outrora alegria,
Lançando para o céu
Fumaça todo o dia!

Era orgulhosa, então,
Altaneira e caiada,
Elegante e formosa
Baforando a amplidão!

Pequenino, eu pensava
Que a chaminé fabricava
As nuvens opalinas,
Dos cavalos do vento
Pelo firmamento
As esgarçadas crinas!

Mas veio a decadência
Dos primeiros engenhos
Que pararam e morreram
E se tornaram ruínas!

Na vida tudo é breve
E a chaminé, coitada,
Não mais mandou ao céu
Baforadas de neve! ...
Inda hoje aparece
Na paisagem dormente
Em formas altaneiras,
Mas se vê que ela sente
Uma saudade atroz



Do fogo das caldeiras,
Tiritando de frio
Nas manhãs brumosas,
Recordando o engenho,
Outrora, luz e vida
No coração do estio!

Não mais aos céus mandou
O lenço das fumaças
Que nos lembram também
O fantasma das garças
Com saudades do além,
Do céu azul profundo
E do profundo mar!

Parece-nos também
Uma noviça triste
Que ficou sem altar,
Assim tão solitária,
A rezar, a rezar!

A chaminé do engenho
Era outrora alegria,
Lançando para o céu
Fumaça todo o dia!

Hoje, ela parece, então,
Lembrando o tempo em que viveu,
Uma vela, presa à mão,
Do engenho que morreu!

Paz do Engenho “Taperoá”, de Pedro Leal Bastos,
em Itaporanga, um dia do tempo

CÂNTICO

EM LOUVOR DA PRINCESA ISABEL. PARA ZUMBI DOS PALMARES,
ANTÔNIO DE CASTRO ALVES, JOSÉ DO PATROCÍNIO



Os “eitos” de cana...
O sol, chama viva,
Nas costas da noite,
Nas noites da carne
Da gente cativa!


O feitor, desalmado,
Inventando tormentos,
Agradando ao “Major”!

Os escravos, arados
Humanos
Chorando suor!

“Quem chupou esta cana?
Assim grita o Senhor
Ante as folhas tão verdes,
Que falam esperança,
Que falam de amor!

Param todos tremendo!
As sombras cativas
Nos “eitos” morrendo
E gemendo de dor!

“QUEM CHUPOU ESTA CANA?”
Descobrem o culpado,
Que é logo amarrado
E o feitor, forte e bronco,
Vai levando o culpado
Às torturas do “tronco”!



Os “eitos” de cana
O sol, chama viva,
Nas costas da noite,
Nas noites da carne
Da gente cativa!

Afinal, tu chegaste,
AUGUSTA PRINCESA,
E os “troncos” quebraste,
Serena e gentil,
Oh! Paz e bonança
Dos pobres cativos
Lutando e morrendo
No chão do Brasil!

As feras argolas,
Que pulsos prendiam,
Tornaste em corolas,
PRINCESA ISABEL,
– irmã na doçura
Do açúcar e do mel!

Esses pretos felizes,
Sem “eitos”, sem “troncos”,
Com peles marcadas
Por mil cicatrizes,
Beijaram-te as mãos,
Pois juntaste os três sangues
Num só verdadeiro:
Caboclos e brancos e pretos,
Brasileiros, irmãos!

CÂNTICO

EM LOUVOR À DOCE AMADA



Deu-me a Alma, o Senhor; a lira, o canto;
O Pensamento para o meu Trabalho

A Inspiração – miraculoso malho
Da Forja do meu sonho e do meu Pranto!

Deu-me a Noite também, doce agasalho
Nas dobras veludíneas do seu manto;
Deu-me a Manhã as pérolas do Orvalho,
– as lágrimas de Deus com que me encanto!

Deu-me o Mar, – verde-azul, melancolias.
Deu-me a Tarde a morrer das nostalgias
Desses ocasos que são cinza e dor,

Mas tu me deste pela vida em fora,
A paz celeste e triunfal da aurora,
Na luz eterna do teu grande amor!

CÂNTICO

EM LOUVOR DO DR. AUGUSTO LEITE⁵




Quando a noite da Dor sobre a Matéria desce
E o sorriso se esvai da vida que fenece,
Teu Vulto, como um Deus, essa noite alumia,
Pois tens no teu destino o dom da Cirurgia,
– o divino condão
De fazer menos grande a dor do teu irmão!

Outrora, em meu viver, exaltava somente
O HEROI, a meu ver, aquele que potente,
Ao clarão do fuzil elastecia a HISTÓRIA
Entre brados de GUERRA e lampejos de GLÓRIA!
Mas veio a reflexão num momento feliz,
Fazendo-me saber que são também heróis
São Vicente de Paula e São Francisco de Assis!

Heróis os que se vão em nome da CIÊNCIA,
Procurando calar a Dor Universal,
Os que lutam também defendendo a existência,
Pregando o Grande Amor, a fraterna clemência
Nas Praças, sob o sol, no livro ou no Hospital!

Assim, também herói, tu vais nesta jornada
Por nós abençoada,
De dar ao corpo enfermo a cura que ansiava,
O pobre coração, que, mísero, chorava,
Ante a Morte fatal que fera e desalmada,
Leva o Homem, que é pó aos Mistérios do Nada!

⁵ Augusto Leite (1886 - 1978), como era mais conhecido por todos os sergipanos, foi uma personalidade impar de nossa sociedade. Intelectual, com especialização na Clínica Mayo, dos Estados Unidos e Paris, sempre atualizado, quanto às mais modernas técnicas clínicas e cirúrgicas, ele introduziu, em Sergipe, uma nova mentalidade para o exercício da Medicina e grandes avanços na administração hospitalar, formando uma plêiade de profissionais que se espalharam por todos os rincões do Brasil, notadamente na área da saúde pública.



Tua Obra ai está, nesta Grande Oficina
Em SERGIPE plantada!
Neste grande Hospital onde o teu nome ilustre,
Pelas asas do Bem, cada dia se eleva,
Vencendo a noite, o medo, o frio a dor e a treva!

Tua Obra ai está no teu desdobramento,
Nesse muito de ti, no combate das dores,
Na Jovem Legião dos teus Operadores,
Os que pelo Futuro hão de falar de ti
Em vendo o nome teu em cada bisturi,
Teu nome, para nós, quando a nossa alma chora,
Asa branca de paz no céu azul da aurora!

Tua Obra ai está, nesses ninhos que são,
Nesta “CASA DAS MÃES”, todo o teu coração;
Nestes berços azuis trescalando inocência,
Sob o divino olhar da tua “PROVIDÊNCIA”,
– essa imagem que é o símbolo perfeito
Do mais sagrado amor que vibra no teu peito! ...

Glória a ti, imortal AUGUSTO entre os AUGUSTOS,
Viva imagem de Bem fulgindo aos olhos meus,
Glória a ti, GRANDE HERÓI, – AUGUSTO CESAR LEITE,
Pois teu nome é uma luz ante os olhos de Deus! ...

*Hospital de Cirurgia, no Quarto número 8,
junto ao leito de minha mãe enferma, em novembro de 1952*

CÂNTICO

EM LOUVOR AOS JESUÍTAS DO “DIRA”

À MEMÓRIA DO VENERANDO AMIGO CEL. SÍLVIO SOBRAL GARCEZ, COMO LEMBRANÇA DA NOSSA ESTADA NA SUA RESIDÊNCIA FIDALGA, ACOLHEDORA E AMÁVEL, QUANDO ACOMPANHEI, NUMA DESOBRIGA HISTÓRICA, EM TERRAS DE SERGIPE DEL REY, O LUMINOSO PROVINCIAL DA CULTURA E DO PENSAMENTO SUL-AMERICANOS, DR. LUIZ DA CÂMARA CASCUDO


Os padres andaram nas terras do “Dira”.
Nas terras do “Dira” os padres andaram
E, cheios de Fé, sobre as terras plantaram
Igrejas, colégios e aos homens nativos
De Deus a palavra e o amor ensinaram!

Os índios frecheiros⁶, caboclos bem fortes,
Aos monges de Deus a cabeça inclinaram.
E veio o batismo e os índios guerreiros,
Caboclos bem fortes, os índios frecheiros,
Em nomes da Europa os seus nomes mudaram!

Os padres andaram nas terras do “Dira”!
Sergipe menino andando de rastros
Buscava o futuro... Sonhava e crescia
À sombra dos Padres da “Companhia”
Que, à noite, rezavam nas contas dos astros
Os “terços” sagrados, na selva bravia!

Nos grandes silêncios
Das noites do DIRA,
Os Padres procuram
Tesouros sagrados

⁶ N. R. frecheiro, (fré) *m. Ant.* Soldado que atirava frechas. Aquelle que usava de frecha na caça.
* *Ant.* O mesmo que *frecheira*. * *Pop.* Namorador, galanteador. Disponível em <<http://www.lexico.pt/frecheiro/>>



Que dormem enterrados
No peito da terra
De PEDRO CABRAL!

Visitam, tristonhos,
Os velhos conventos
E soltam lamentos
Lembrando Pombal! ...

Nas ermas estradas
Desfilam, calados,
Com Cruz e Cajados
Em mil procissões,
Os padres já mortos
Da COMPANHIA,
Sonhando com o Dia
Das NOVAS MISSÕES!

Nas terras do Dira os Padres lutaram.
Nas terras do Dira os Padres plantaram
De Sergipe – Del-Rey essa Fé que reluz
Nas falas augustas e cheias de glória
Da Pátria Brasília, que tem sua História
Na Cruz de uma Espada e nos braços da Cruz!

CÂNTICO

EM LOUVOR DA CASA-GRANDE DO “JUNCO”




O velho JUNCO dormindo,
Outrora tão acordado,
Vigilante horas inteiras,
O velho, JUNCO, plantado
Nas terras de Laranjeiras! ...

No sobrado carcomido,
Naquele tempo, altaneiro,
A saudade é um gemido
Procurando o BRIGADEIRO
Que, num dia de esplendor,
Sentiu de perto a grandeza
Do SEGUNDO IMPERADOR!

Novenas de Santo Antônio!
O sobrado reluzente!
Quanta gente, quanta gente
Nos tempos que não vêm mais!

As mucamas apressadas,
De saias muito engomadas
Ao longo dos corredores,
Servindo aos grandes senhores
Da casa colonial,
Mil quitutes saborosos,
Os generosos licores,
– os licores generosos
Chegados de Portugal!
Cavaleiros nas estradas
O velho JUNCO buscando!
Refinados Cavalheiros



Na grande sala valsando,
NEVES HORTA⁷, conversando
No seu fidalgo salão,
O ouro velho brilhando
Na farda do Brigadeiro,
No seu vistoso fardão!

Hoje em dia, que tristeza!
O velho JUNCO dormindo
Tão vazio e tão sem gente,
Lembrando o grande Senhor
NEVES HORTA, Brigadeiro
Do tempo do Imperador!

⁷ Antônio Neves Horta, Brigadeiro do Imperador, amigo de D. Pedro II, dorme em Deus à sombra da veneranda Igreja de Comandaroba. O JUNCO, outrora luz e festa, é hoje um velho sobrado a ruir nas terras da Usina S. José do Pinheiro

CÂNTICO

EM LOUVOR DE PROPRIÁ




O rio subindo,
O rio avançando
Nas fúrias da grande cheia:
SÃO FRANCISCO perguntando
Na voz das águas, gritando
Em nome da cachoeira:
“CADÊ DELMIRO GOUVEIA?”

Canoas de velas pandas,
Corredeiras, corredeiras,
– borboletas do dilúvio
Adejando, noite e dia,
Nas águas mais brasileiras!

Canoas que nos relembram,
(diz a História erguendo a voz),
Embarcações milenárias
Do tempo dos Faraós!

Na noite linda, esplendente
O luar, pastor celeste,
Conduz ao sidéreo aprisco,
Estrelas que são ovelhas
Que vêm beber das alturas
Nas águas do SÃO FRANCISCO!

As águas que vão velozes
Levar ao largo Oceano,
O valor do sergipano
Vencendo as secas atroztes!



Na rampa do SÃO FRANCISCO
Estamos na grande feira!
O sol-caboclo brilhando,
Alguém cantando um baião,
Mercadorias do povo
Pelos tapetes do chão!

Quiosques, cafés nas tendas,
Ferragens, louças, gritaria,
Gente de cá e de lá,
Carne-de-sol saborosa,
Aves, frutas, peixes, porcos,
– lembra um trecho de Marrocos
A feira de Propriá!

Propriá de João Fernandes,
Do Velho Chico Porfírio,
Terra de Bento Aguiar,
Rodrigues Dória também,
De Luiz da Costa Filho,
Propriá de Lulu Seixas,
– coração como ninguém!

Própria, força e trabalho!
Cidade linda e gentil
Onde DEUS, sonhando, pôs
A pureza mais bonita
Que foge ao lodo e palpita
Na castidade do arroz!

CÂNTICO

EM LOUVOR DO RIO SÃO FRANCISCO
PARA DELMIRO GOUVEIA QUE OUVIA A VOZ DO BRASIL NA ÁGUAS DO RIO



Nordeste! A seca inclemente
Na tragédia da estiagem!
Um coro seco, – a paisagem
Na quietude dormente!


Nordeste! ... Triste paragem
Dessas bravuras supremas
Do brasileiro do Norte
Pisando a terra da Morte,
Tão forte como as juremas!

Lembram pupilas vazadas
Os tanques pelos caminhos,
As fontes pelas estradas!

Nordeste! ... Verão ardente!
O sertanejo, sombrio,
Tem nas agruras do estio
Martírios de um penitente!

As criações⁸ magricelas
Morrendo sob o calor!
Dos moirões essas cantigas
Pela boca das cancelas,
São ladainhas de dor!
Fazendas abandonadas!
Currais desertos, vazios.
Mulheres magras, morenas,
Pedindo chuva ao Senhor!

⁸ N. R. O poeta se refere às criações de carneiros, ovelhas, cabras e bodes, tão comuns no nordeste.



O sol, – o sol das alturas
Zombando das criaturas,
Tornando a luz em calor!

Dispersos pelas estradas
Vão os pobres retirantes,
Do sertão os beduínos!

Desgraça enorme os conduz.
Morrem de fome os meninos.
Quanta noite sobre a vida,
Quanta esperança perdida,
Nesse cenário de luz!

Às vezes, neste calvário
De tanta, tanta agonia,
Num recanto solitário,
Há um canto de esperança
Nos velhos mandacarus!

Mas dos hebreus sertanejos
É Moisés o SÃO FRANCISCO!
Pularão do leito eterno
As águas mais brasileiras
Calando a dor do sertão
E a terra, terra abrasada,
Será terra dadivosa,
Será terra abençoada,
– a TERRA DA PROMISSÃO!

Ano de 1953, num dia de sol em pleno sertão sergipano

CÂNTICO

EM LOUVOR DE ARACAJU QUE SOBE AOS CÉUS




Outrora, Aracaju, tão pequenina
E lírica, luzia
Nas estrofes de FORTES⁹ E GARCIA.

Simplex debuxo de aquarela,
Tão meiga e tão singela
No seu rasteiro casario
Olhando a aurora, resplendente e bela,
De luz vestindo o preguiçoso rio!

E quando a noite linda entreabria
O luar, que, mágico desata
Por sobre a terra do cabelo a prata,
ARACAJU, com violões e loas
Brincava languemente
No bojo movediço das canoas
Tecendo madrigais
Que eram o encanto
Dos velhos dias que não voltam mais!

Hoje, a cidade via subindo aos céus,
Buscando ousadamente a celeste planura,
A amplidão sonora,
Com Domingos Santana, e João Leal,
Manoel Aguiar e João Hora
Que modificam o casario
Outrora
Tão rasteiro, olhando a aurora,
De luz vestindo o preguiçoso rio!

⁹ Artur Gentil Fortes e Antônio Garcia Rosa



Querida Aracaju, que assim prossigas,
Progredindo, a subir aos olhos meus,
Mas que também risonha te levantes,
Caminhado, a passos de gigantes
Para a DEMOCRACIA E PARA DEUS!
